

ASSIGNATURAS
PARA A CAPITAL

Anno	10\$000
Semestre	5\$000
Trimestre	3\$000
Moz	1\$000
Numero avulso	300

O CRUZEIROOrgan dedicado ás letras, pilherico
e noticioso

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS

PARA O INTERIOR

Anno	12\$000
Semestre	6\$000
Trimestre	3\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

Redactores e colaboradores: diversos

Veritas super omnia

Escriptorio da Redacção: Rua Couto Magalhães n. 20

O CRUZEIRO**12 DE OUTUBRO**

Ninguém desconhece esta data que marca a passagem de mais um anniversario da descoberta do Novo Mundo.

É a gloria dessa descoberta pertence ao intrepido navegador genovez Christovam Colombo, não deixando de ter menção nesse faustoso acontecimento Americo Vesputi, que levou seu nome ao novo mundo.

Colombo trabalhou verdadeiramente para a viagem na qual descobriu a America; mas pretendem alguns auctores condemnalo como aproveitador de estudos alheios, roubados a um antigo marujo, conhecedor eximio das mares, que morreu em sua casa.

Sejam quizes forem as opiniões a esse respeito, certo é q' é voz corrente de ser o descobridor da America o genovez Christovam Colombo, e si formos ouvir os taes auctores discordantes neste ponto, temos a dizer que seis seculos antes de Colombo, as costas septentrionaes do America foram abordadas por uns navegantes vikings e que antes destes, 300 annos, veio ao novo mundo uma missão do Celeste Imperio, que entrou pelo Mexico e California com intento de propagar o budhismo entre os naturaes dahi.

Por este facto, aliás documentado, a descoberta da America pertence aos Chineses e nada consta absolutamente que antes delles tivessem vindo aborizar nas plagas americanas alguns outros navegadores.

Pelo facto acima, explica-se

tambem a existencia da raça amarella na America.

Pelo que vimos, podemos pois ficar certos de que a prioridade da descoberta do novo mundo pertence aos chins, que dez seculos antes de Colombo estiveram na America, segundo narram os archivados da dynastia de Liang, no qual ha uma descripção feita por um bonzo de nome Hui Shen e que diz, que em 458, cinco pa-dres budhistas embarcaram para Fusang, onde pregaram a doutrina de Brahma, descrevendo tambem mais adiante, o clima, a fauna e a flora do Mexico.

Porém não queremos saber disto, porque o descobrimento de 12 de Outubro, feito por Christovam Colombo é hoje conhecido pelo mundo inteiro e não podemos deixar de reconhecê-lo tambem.

É pois o 12 de Outubro uma data festiva para todos os americanos que hoje herdizem a bandeira hespanhola que tremulava no mastro do *Santa Maria* que auleava receioso as aguas esverdeadas do Atlantico.

Fallecimento

Soubemos por carta particular ter fallecido na cidade de S. Luiz de Cáceres, o distincto cavalheiro Sr. Duarte Bastos.

A' sua desolada familia nossos pezames.

Martelo

Tambem por carta particular tivemos noticia de que em S. Luiz de Cáceres a varíola tem ceifado a vida já a diversas pessoas, sem que haja a menor providencia por parte das respectivas autoridades.

Notas da semana**Participação**

Em dedicado e mimoso cartão o nosso amigo Sr. Hérmenegildo A. Peixoto de Azevedo e a Exma. Sra. D. Maria Olga de Mattos Azevedo participaram-nos o seu casamento, realiado a 3 do corrente assignado perante o Sr. Juiz de Paz do 1.º districto.

Agradecemos pela gentileza.

Epilace

Conforme noticiamos no nosso n. passado, houve logar no dia 10 do corrente, as 6 horas da tarde, o enlace matrimonial do nosso distincto amigo Sr. Fabio M. de Lima com a Exma. Senhorita Carmelita Barbosa.

Ao acto que se celebrou em casa da Exma. Sra. D. Maria Augusta Rondon, assistiram muitos convidados havendo em seguida um animado baile que terminou as 12 horas.

Nossos votos de felicidades aos nubentes.

Partida

Sabbado ultimo, partiu para a villa do Rosario onde é residente e onde exerce cabalmente o cargo de professor publico, o nosso bom amigo Sr. João Calixto Bernardes.

Desejamos velo outra vez, brevemente, aqui entre nós.

Fallecimento

Na manhã de 11 do corrente falleceu nesta cidade o estimado moço Francisco Rodrigues Pereira (Chiquinho). Excelente rapaz, bom filho e amigo, sentimo-nos muito a sua morte.

O seu enterro foi...

dia às 5 horas da tarde no Cemitério da Piedade, comparecendo a elle muitas pessoas e amigos que estimavam o morto.

A' inconsolável mãe e irmãos do Chiquinho apresentamos as nossas mais sentidas condolências.

As duas estrellas

Corriam alegremente os formosos ultimos dias de Setembro, essas dias risonhos e poeticos, cheios de encantos, em que os vegetaes, outrora desfolhados, rias, vão se revestindo a pouco e pouco, de suas folhagens virentes, de um verdor que encanta a vista e enfeita a natureza bella.

Mimosas e fibris multicores ora rearcheteavam no espaço infinito, ora beijavam delicadamente as flozinhos odorantes das campinas e depois abandonavam-nas com a mesma volubildade do oceano imenso.

Pintasilgos chilreantes, colibriros em bandos alegres, canários amarellinhos e milhares de outras aves mimosas e garrulas garganteavam amenamente, revolvam-se no ar e saltitavam traquinas nos galhosinhos verdes das arvores, alegrando-se todos com a sorridente e nova estação—a primavera—que chegava, que vinha enfeitar a natureza e que todos estimavam.

De dia eram esses encantos e de noite, quando a natura dormia, o sol repousava e os passarinhos se aquietavam, em seus ninhos, novos attractivos surgiam.

O céu era então o adorno da noite; claro, límpido, azul, formoso, era enfeitado pelas estrellas radiantes e lindas, flammíferas e tremeluzentes, de um brilhar esplendoroso, parecendo o sorrir indefinível dos mimosos cherubins celestes.

E lá, ao longe, num recanto do paraíso, isoladas, fulgiam duas fulgurantes estrellas, as duas que brilhavam com mais esplendor em todo o céu.

Deus no velas, as achou tão lindas de um fulgor tão chammeante e magnifico que lhes disse:

—Preciso dar mais encanto à terra, ide habitá-la.

E as duas estrellas, que antes habitavam aquelle recanto longínquo do empyreo, vivem hoje aqui na terra; todos ignoram onde ellas pairam; só eu descobri onde estão, ambas juntinhas sempre, brilhantes, reluzentes, e vou contar como as achei.

Certa vez, quando vi Alice na janella, os olhos desta formosa jovem encontraram-se com os meus, e o mesmo brilho, o mesmo fulgor, a mesma belleza das duas estrellas—encontrei eu naquelles olhos lindos e fascinantes.

E cada vez que sinto os olhos de Alice fitos nos meus, só vejo duas estrellas: rutilas, mimosas e brilhantes as mais brilhantes que todas as outras do céu e que o proprio Deus achou mais encantadoras e esplendorosas.

Não havia dúvida, eram ellas. Cuiabá, — 10 — 10 — 30.

Estrella Moreira,

Num postal

A alguém

V.

Que bello nome é o nome teu!
Vivo a dizê-lo intimamente,
a repeti-lo eternamente,
no peito meu.

Nas sete letras desse nome
eu leio um mundo de ventura;
elle é o consolo na amargura
que me consorne.

Sonhando mesmo pronuncio
esse teu nome idolatrado,
e, quando o vejo pronunciado,
eu me extasio.

Foi por inspiração do géu
que te puzeram nome tal...
Que eu nunca vi um nome igual
ao nome teu...

Leonel.

Aos leitores

Por falta de espaço deixamos de dar a noticia referente ao Theatro Apollô, o que faremos no proximo numero.

Joaquim Amarante

Com o fim de matricular-se na Academia de Medicina do Rio de Janeiro, seguiu para essa capital, terça-feira, no paquete Ara o nosso hom am-

go e dedicado companheiro, bacharel Joaquim Amarante F. de Azevedo.

O *Cruzeiro*, sente vivamente a sua ausencia pois delle tem recebido valiosos serviços, principalmente na 1ª phase de publicação.

Alem disso, J. Amarante é um excellentes companheiro, amigo affectuoso e delicado e a sua partida desta cidade deve ser sentida por todos aquelles que o conheciam e lhe tinham amizade.

O nosso periodico augura pois, ao futuro mattogrossense um porvir risonho, uma viagem deliciosa e um successo brilhante nos novos estudos que vae encetar.

BALDROCAS

Um pretendido poeta dizia:

—Os meus versos não são máis, tenho até sonetos excellentes, não metrifico contando nos dedos e quando formulo os meus versos...

...quando você for mulla, ha de fazer versos esplendidos, interrompe o Fidelis.

No baile, entre tãias:

—Oh, F., porque não danças?
Até agora ainda não foste tirada?

—(zangada) Que te importa que eu ainda não tenha sido tirada? Ao menos não sou tu, que vens ao baile só para fallar mal da vida alheia... (Safa!)

No baile de sabbado:

O bacharel J. muito compeitado, pergunta a um rapaz:

Oh F., você não sabe si o meu pessoal já foram?

—(O Fidelis affia a um lado) E este mastodonte que quer caçar dos cuiabaios dizerem «Quedelle elle?» «Qual é que é ella?» Figa!...

Os sapos cá da terra, acharam lugar esplendido para a sapedação do baile de sabbado.

Arre, que assim, a obra de Santa Engracia, como disse O Phayol, serviu para alguma cousa!

Fidelis.

Mocidade

do José B. de Mesquita.

Mocidade—ridente primavera
O'da existência enflora os verdes annos
Com sonhos d'ouro, em mundo da chimera
Descuidosos da sorte nos arcanos—

Como ligeira passa entre os humanos,
Deixando os corações em dura austeridade,
Experiencia da vida e desenganos,
Que delles muita vez a morte geral...

Ao nascer, que á tarde ardeja o thalamo
De Phebo, desce a noite, mesta, horrenda...
E nas quebradas, morre o som do calamo...

Assim succede á mocidade, tépida,
Que sorrindo percorre em flôr sua vida,
Sem pensar no porvir—noite atra-e tépida...
—IX—1908.

do B. B. B.

O VAGALUME

E A ESTRELLA

Sabes a historia do vagalume e da estrella? Pois vou contar-te. Procurarei resumir a o mais possivel.

Quando chegou a noite e a treva avassalou o espaço, o vagalume, como soia fazer, sahio do seu escondrijo onde passava o dia, e depois de respirar alegre e folga-damente o ar tepido da noite, abriu as azinhas e, sem meda po-se a voar no espaço.

Crianças que o viram puzeram-se a persegui-lo, procurando apañhal-o, mas elle, ladino como era, subiu no ramo mais alto daquela mangueira e lá, como para zombar dos que o perseguiam, começou a fazer luzi-luzir a lanternazinha que leva consigo por causa da escuridão.

Parecia uma pequena estrella engastada no sombrio verdinegro da arvore. Antes, porem, nunca se houvesse lembrado de subir naquella mangueira. De repente, começou a inquietar-se. Vira no alto, muito acima de si, um outro pyrilampo, um pouco maior e de mais brilho que elle. E logo no seu raciocínio poz-se a conjecturar onde estaria pousado aquelle companheiro e nasceu-lhe a idea de ir até lá onde estava o outro. Quiza, pensou, si delle se aproximasse se tornaria grande e brilhante, assim? Reflectir não é da dos vagalumes; como que o impellia uma fatalidade: o desejo de ser bello, de fulgir mais ainda para mais seduzir e encantar as vistas.

E, incontinentemente, ell-o, espaço negro atora em busca do outro lampyrrio que fulgia na treva, como um grande carunculo.

El voava e voava, e já muito longe se achava da terra quando começou a sentir fadiga. Olhou: o lampyrrio fulgia á mesma distancia como si elle nada houvesse andado. Revestiu-se de animo e seguiu. Mas, afinal, depois de ter parado duas ou tres vezes, desalentado, faltaram-lhe forças, as azas se negavam a favorecer-o e sem mais poder sustentar-se no ar, cahiu da enorme altura que galgara... No solo, quasi que esmagado pela violencia da queda, elle gemia, quando um outro vagalume, mais velho e por isso mesmo mais conhecedor da vida, se lhe approximou e inquirindo da causa do seu sofrimento, não pôde deixar de rir quando elle narrou a sua aventura:

—«De certo... como havias de alcançal-o? Pois si buscavas uma estrella. Fiaste na tua vista e nos teus poucos e enganosos conhecimentos; e tomaste o brilho eterno e immutavel de uma estrella pelo lampejo fugaz e incerto de nós, pobres vagalumes!

De certo que nunca o alcançarias!»

E diz a historia que o vagalume que quizera ser igual á estrella, morreu ali mesmo onde cahira, que fôra muito grande aquella queda para suas forças tão pequenas.

Diz que é triste a historia... Mas si a tristeza é a essencia da vida, e todo o facto que, como es-

to, tem lisos de realidade, deve ser triste... E, diz-me, o que ha na terra que não tenha sua dóze, maior ou menor, de tristeza? Diz-me...

1908. José B. de Mesquita.

Conversa fiada

Entre moças no jardim:

—Porque «O Cruzeiro» não publica uma outra secção como a de Flores Cuabanas?

—Não sei; esses rapazes agora estão chocos...

—E' verdade; em regra geral todos os jornaes daqui andam sem graça agora; não têm o que publicar.

—O-Reporter, chagando de repente: As senhoras não sabem porque não ha nem «Flores Cuabanas» nem secção idéntica? Porque isso occasionalmente entre as que sahem na secção e as que não sahem.

Mas... as senhoras têm todos os jornaes daqui?

—Lemos, sim senhor.

—Porem não me consta que a vossa familia seja assignante de algum jornal...

—(enfadas) Lemos emprestados...

—Ah! ah! ph! Oh! Por isso, por isso! Logo vil...

Reporter.

Moças

Moça que a todos agrada
Que a toda festa está rente
Não quero p'ra namorada

A que anda a expreitar a gente
Pela fresta da janella
Não me serve francamente.

A que faz barulho e grita
E em fallar muito faz gosto
Minha antipathia excita.

A que faz cóva no rosto
Quando ri, acham bonito
Mas a mim causa desgosto.

Quer seja ella bem disposta
Corada vendendo vida,
Ainda assim me desgosta:

Seja uma boia ou um palito
Seja como uma cavera
Ou, linda até o infinito
Nenhuma me passa a perna.
(Extr.) Maritene.

TORMENTOS

A' Pequeninã.

Triste, sombrio, quasi que consumido por algum constante sofrer-divagava certa tarde um pobre mancebo. — O todo do seu turbido semblante bem demonstrava a dôr cruciante que lhe ia a alma — oriunda quem sabe, de algum amor ardente, talvez não perecebido pela deusa dos seus pensamentos.

Oh amor! dizia elle com amargura, será possível que não exista coação bastante forte para lutar-se ás tuas séttas de fogo? — Onde estaes ch minha indiferença de outr'ora? porque me desamparastes?... E tu, ôh mulher ingrata, não sonhaste sequer, q' os teus meigos olhares seriam bastante para subjugar-me? — Quando me fallavas meigamente, quando, na minha, abandonavas a tua mão, não pensaste também q' essa doce intimidade poderia, ao menos me impellir a julgar com direito ao teu coração?...

Meu Deus!, continuou elle, quanto me enganai; julgava-me forte, indiferente, e não o sou!

Dae-me pois, senhor, força bastante para lutar com esse genio fero, que assim subjugou-me!...

3-10-1908.

Cesar Mattos.

Postal

Assim como a lua cheia
Boiando no azul, clareia
A terra e o mar,
Minha mãe, o teu carinho
Enche de luz o caminho
Que eu vivo, cego, a trilhar.
Gasimiro Cunha.
Do «Aves Implumes».

TROVAS

Num baile, um rapaz chibante,
Que passa por mui galante,
Uma moça foi tirar,
Para uma valsa dançar;
Chegou-se a ella, brejeiro,
E disse com ar faccioso:
Excellencia quer me dar
Prazer de ser minha par? (!!!)

O crystal negro

«Na era já longinqua em que o crystal de rocha, mais negro do que a mais negra noite, tinha a opacidade do carvão...»

Uma leitora impaciente não me deixou continuar, e jurou que não podia tolerar tão grande asneira. Como é possível que a transparencia luminosa do crystal possa ter sido antes uma coisa escura, impenetravel a luz?

Ainda que não acrediteis, leitora impaciente, nada ha mais verdadeiro.

— Deixo para outro dia o conto que ia narrar e contarei como o crystal negro ou como o carvão se transformou em limpido diamante.

II

A filha do rei de Ormuz, que era a mais bella princeza da terra no tempo em que todas as princezas eram lindissimas, passeava uma tarde de verão pela campina, seguida de um pagem que agarrava a cauda de seu vestido.

O pagem, condemnado a ver sempre aquella singularissima belleza, estava doidamente enamorado por sua senhora e suspirava com tanta ternura que até as rosas se entristeciam ao ouvi-lo.

A princeza não se importava com o pagem que a seguia. Quatro soberanos pretendiam-na: o rei de Mataquim, protegido da sua lada; o imperador de Trebisonda, que fazia construir para ella um palacio cujas columnas eram de rubis e as janellas de perolas; o principe de Bagdad, que tinha em seus jardins, em vez de rosas o jacinthos, estrellas do céu; e o rei de Visapúr, cujo throno colossal assentava sobre quatro elephantes brancos.

Mas a princeza desdenhava das testas coroadas e pensava casar-se com um negociante que possuia uma machina maravilhosa que em uma hora, sem mistura, fabricava quatorze mil joias de ouro purissimo e ricas pedras.

Sob rã ella e suspirando o pagem, chegaram ambos a um lago tão azul que parecia que o céu diaphano baixára para recostar-se á terra.

E tava a princeza consada em

consequencia do grande passeio o do sol, e ante o lago diaphano sentia desejo de banhar os pequeninos e rosados pés.

E como o lago parecia o proprio céu — bem podia humedecer em suas ondas aquelles pésinhos que valiam mais do que duas estrellas.

Mas a presença do pagem contêve-a.

Não podia enviar o ao palacio, porque vendo-o chegar só, a corte alarmar-se-ia.

Um pouco distante viu um grande bloco negro, muito reluzente, e disse ao pagem:

— Vou banhar-me nestas aguas que são as mais bellas do mundo; esconde-te por trás daquella pedra negra, e cuida que não venha alguém.

— Será feita a vossa vontade — exclamou o pagem.

III

Que horrivel desespero do pagem por trás daquella muralha tenebrosa!

Aos seus ouvidos chegava o ruído das aguas agitadas por aquelles pés que tanto amava...

Mas era um servidor honrado e contentou-se com lançar gemidos, lastimar-se, até que cheio da dor começou a chorar com lagrimas de infinita amargura.

O grande bloco chegou a comover-se, sua cor intensa tornou-se cinzenta e depois abriu a rocha suas entranhas á luz, ficou mais transparente que o trilhante e mais diaphano do que o lago...

O pagem, temendo que a noite com as suas sombras espancasse a imagem daquelles dois pés nus, fechou os olhos e morreu.

Foi por misericórdia de uma profunda magua de amor que o crystal de rocha, de negro e opaco que era, se tornou limpido e transparente.

E si' me obrigassem a tirar a moral deste conto dedicado á vós, jovens leitoras, aconselhando que deveis desconfiar da piedade das coisas, porque até as pedras serão mais brandas para o amor que chora do que os vossos corpos feminis.

Catalle Mendes.

Typ. d' O'Rharol